

“ANIMAL FARM” DE GEORGE ORWELL: DUAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS EM CONTEXTOS DIFERENTES E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO TRADUTÓRIO

Christian Hygino Carvalho ¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apontar o quanto o contexto político, social e histórico diferenciado pode levar a caminhos diferentes quando analisamos diferentes traduções e seus contextos. Para tal utilizaremos como base um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)² que por sua vez foi um suplemento ao estudo feito por Liliam Mara Rodrigues Silva em sua dissertação de mestrado, onde fornecemos uma nova camada interpretativa que se sobrepôs ao original, lembrando o conceito de tradução de Benjamim (1970) e a interpretação que dele foi feita por Derrida (1985). Em tal trabalho, através de textos de Perseu Abramo, André Lefevere, Theo Hermans, Mary Snell-Hornby, Else Vieira, entre outros, mostramos os mecanismos de manipulação no processo de tradução de uma obra escrita em outro tempo e em outro lugar, *Animal Farm: a fairy story*. Em 2020 surgiu uma nova tradução brasileira para a referida obra e nela fomos buscar elementos que demonstrassem mais uma vez como os conceitos de patronagem, manipulação entre outros ocorrem em maior ou menor grau em diferentes momentos históricos e suas implicações no resultado final de uma tradução.

Palavras-chave: Animal Farm; George Orwell; tradução; contextualização; patronagem.

GEORGE ORWELL'S “ANIMAL FARM”: TWO BRAZILIAN TRANSLATIONS IN DIFFERENT CONTEXTS AND THEIR IMPLICATIONS FOR THE TRANSLATION PROCESS

ABSTRACT: This article aims at pointing out how much the different political, social and historical context can lead to different paths when we analyze different translations and their contexts. To this end, we will use an Undergraduate Thesis (UT) as a basis,³ which in turn was a supplement to the study done by Liliam Mara Rodrigues Silva in her Master's Thesis, where we provided a new interpretative layer that overlapped the original, recalling Benjamim's (1970) concept of translation and Derrida's (1985) interpretation of it. In such work, through texts by Perseu Abramo, André Lefevere, Theo Hermans, Mary Snell-Hornby, Else Vieira, among others, we showed the mechanisms of manipulation in the process of translating a work written in another time and elsewhere, *Animal Farm: a fairy story*. In 2020

¹ Mestrando em Letras – Estudos Literários, Linha 2 – Literatura e Transdisciplinaridade, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil, CAPES. christianhc7@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0004-6106-0602>

² CARVALHO, Christian Hygino. *A Revolução dos Bichos: tradução e manipulação durante a ditadura militar no Brasil*. Juiz de Fora. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF, 2002. (Monografia de conclusão do Bacharelado em Letras-Ênfase em Tradução/Inglês).

³ CARVALHO, Christian Hygino. *A Revolução dos Bichos: tradução e manipulação durante a ditadura militar no Brasil*. Juiz de Fora. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF, 2002. (Monografia de conclusão do Bacharelado em Letras-Ênfase em Tradução/Inglês).

emerged a new Brazilian translation for the aforementioned work and in it we sought elements that would demonstrate once again how the concepts of patronage, manipulation and others occur to a greater or lesser extent in different historical moments and their implications for the final result of a translation.

Keywords: Animal Farm; George Orwell; translation; contextualization; patronage.

Introdução

Primeiramente, faremos uma contextualização da tradução de Paulo Henriques Britto no Brasil de 2020. Em um segundo momento, traremos ponderações importantes do TCC para demonstrar os possíveis motivos para a existência de um prefácio, mais próximo até de um artigo científico, nessa tradução.

Finalmente, analisaremos os trechos que destacamos no TCC comparando-os aos mesmos trechos na mais atual tradução. Dessa forma, esperamos poder estar contribuindo mais uma vez e de forma detalhada para a área de estudos e práticas tradutórias brasileiras.

Neste momento aproveito para colocar citações que são de suma importância nesse artigo:

Traduzir-se a literatura ocidental no Brasil ou na América Latina não é um gesto inocente. Cada ato de tradução transporta a cultura ocidental - daí, o duplo significado de se traduzir a literatura ocidental: a tradução reescreve o original mas também reescreve a história: a tradução representa o original mas também representa a história.

ELSE VIEIRA

... a distorção da realidade pela manipulação da informação é deliberada, tem um significado e um propósito.

PERSEU ABRAMO

As traduções não somente projetam uma imagem da obra que é traduzida e, através dela, do mundo ao qual a obra pertence, mas também protegem seu próprio mundo contra imagens que são radicalmente muito diferentes, adaptando-as ou mascarando-as.

ANDRÉ LEFEVERE

1. *Animal Farm* no contexto brasileiro – Tradução do ano de 2020 por Paulo Britto

Em 2020, mais precisamente em 12 de dezembro, no site Rascunho ⁴ saiu uma matéria sobre as novas traduções de *Animal Farm: a fairy story* que deveriam começar a ser publicadas no começo de 2021, quando o livro entrou em domínio público. O levantamento e a coluna assinada por Fabiane Secches indicavam que provavelmente iríamos ter pelo menos cinco traduções diferentes do livro no ano de 2021.

⁴ Disponível em: <https://rascunho.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2024

Na época da matéria, os direitos de tradução de *Animal Farm: a fairy story* no Brasil pertenciam à Companhia das Letras e, antes de cair em domínio público, a editora lançou uma edição especial, com o título atualizado para *A Fazenda dos Animais: um conto de fadas*, com tradução de Paulo Henriques Britto.

Ainda segundo o site em 2021 estavam previstas edições com tradução de Petê Rissati da Globo Livros, Fabio Bonillo da Autêntica, Denise Bottmann da L&PM, Rogério Galindo da Antofágica, Alexandre Barbosa de Souza da Via Leitura e Luisa Geisler da Novo Século.

Para a nossa análise, escolhemos a tradução de Paulo Henriques Britto, pois foi da qual tomamos ciência primeiramente em 3 de dezembro de 2020, através do site da Universidade Federal de Minas Gerais. Na matéria há inclusive um excelente áudio onde Michelle Bruck entrevista Paulo Henriques Britto a respeito da nova tradução, indagando-o sobre vários aspectos que levaram ao novo título e tradução após 56 anos da primeira tradução feita pela Editora Globo na época da ditadura militar.

Coincidentemente em 2022 decidimos analisar essa tradução. Em meio às leituras para substanciar esse artigo, mais precisamente no dia 26 de agosto, resolvemos fazer uma pesquisa a respeito do tradutor Heitor Ferreira e, para nossa surpresa, deparamo-nos com a notícia no site UOL⁵, uma republicação de O Estadão, de que o mesmo havia falecido no dia 24 de agosto, aos 86 anos. Além disso causou-nos estranheza ler na matéria que ele “fez **a tradução definitiva** (nosso destaque) de *Animal Farm (A Revolução dos Bichos)*, de George Orwell”, pois tal afirmação contraria nossa credulidade, estudiosos da tradução, que compactuamos com a ideia de que não é prudente afirmar que uma tradução é definitiva.

Uma vez que toda tradução está atrelada ao momento histórico, utilização de certo vocabulário e que a língua, sendo viva, sofre modificações, usos e desusos, formalidade e informalidade ao longo do tempo, tornando, desta forma, impossível haver uma tradução que seja imutável e além do mais, considerando que se mesmo o original, salvo raras exceções, pode passar por edições na língua-fonte, imaginemos os casos das traduções.

Essa nova tradução surge após quase um ano de pandemia de Covid-19 com as pessoas em suas casas observando a polarização política que se arrasta desde antes das eleições presidenciais no Brasil em 2018, após impeachment presidencial de Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT), acusada de “pedaladas fiscais”, escândalos de corrupção entre políticos de seu partido e empreiteiras, posterior prisão do ex-presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva (PT) entre outros escândalos.

O Brasil estava novamente em meio a discussões ferrenhas entre partidos de esquerda e direita e o mundo observava a queda de vários governos de esquerda e possíveis ameaças de ditaduras esquerdistas que supostamente levavam seus próprios povos ao desemprego, fome e desespero.

O mundo inteiro sofre com as consequências da Pandemia, iniciada no final de 2019 na China e somente em setembro de 2022, que voltamos a passos um tanto quanto mais largos para uma “vida quase normal”.

⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

O presidente em exercício na época era Jair Bolsonaro, militar reformado, político, militante anticomunista e defensor de partidos de direita.

Vale ressaltar que nos aproximávamos de uma eleição geral para presidente, governadores, deputados e senadores e tudo isso já poderia ser antevisto quando foi decidida mais uma nova tradução de um livro tão associado a regimes totalitários e de pensamentos e vieses políticos em constante debate, intrigas e mútuas acusações, para depois cometerem quase os mesmos erros de governos anteriores ou até mesmo os mesmos delitos e decisões públicas duvidosas.

2. A influência do Prefácio na leitura da obra

A existência de um prefácio sugere uma leitura do passado, produzindo futuros interpretantes que nortearão a leitura feita pelos futuros receptores da tradução. O prefácio de *A Fazenda dos Animais: um conto de fadas*, assinado por Morris Dickstein, é considerado *alográfico*, na terminologia de G. Sevils Genette, ou *heterográfico*, na terminologia de Geneviève Idt (VIEIRA, 1992:159) pois com relação ao original, é escrito por uma pessoa que não o autor, caso tivesse sido escrito pelo próprio Orwell, seria considerado *autoral*. Idt sugere que a metalinguagem presente “nos prefácios *heterográficos*, ou seja, que visa apresentar e introduzir um autor estrangeiro em um contexto diverso do seu e a um público para o qual a obra não foi destinada”, possui um caráter político (Idt apud Vieira, 1992, p. 160).

Vieira dá destaque ao prefácio, quando comparado aos outros paratextos como capa, orelhas, apresentação, anterosto, folha de rosto e verso da folha de rosto, pois é ele que leva ao novo público os motivos para a publicação de determinada obra, de determinado autor, lembrando as técnicas reminiscentes do discurso publicitário que visam a convencer o leitor potencial a continuar a leitura de tal obra (Vieira, 1992, p. 162). Ela alega ainda que o prefácio, sendo *heterográfico* e escrito por um tradutor de destaque no momento histórico da tradução, tanto como tradutor como autor, trará para a obra um valor de destaque (Vieira, 1992, p. 163).

Morris Dickstein, falecido aos 81 anos, em 24 de março de 2021, em virtude de complicações da Doença de Parkinson, foi um estudioso literário americano, historiador cultural, professor, ensaísta, crítico de livros e intelectual público, e seu prefácio, anunciado na folha de rosto (ANEXO B), demonstra claramente a intenção editorial de trazer uma sobrevida e notoriedade à obra mais uma vez em um período político mais do que propício.

O prefácio de Dickstein, além de nos dar um bom panorama do contexto histórico e político da obra original, também nos apresenta dados importantes sobre o autor George Orwell. Ele discorre bem sobre os impactos que a publicação teve entre os ingleses e os estadunidenses e nos traz à tona a seguinte observação bastante importante para o presente trabalho:

A Fazenda dos Animais passou a ser um dos livros mais lidos do século XX, vendendo mais de 20 milhões de exemplares. Como seguia os moldes de uma fábula — breve, fácil de ler e aparentemente fácil de entender —, tornou-se um texto muito indicado no segundo grau, a única obra literária que, com

quase toda certeza, é estudada por adolescentes. Mas a grande clareza e a linguagem acessível do livro contribuíram para diminuir o respeito da crítica. (Dickstein apud Orwell, 2020, p. 8)

O prefácio é tão detalhado e bem elaborado que pode ser considerado um artigo⁶, inclusive trazendo trechos da obra e traçando paralelos com o contexto histórico. Podemos afirmar que o leitor que gosta de ser surpreendido, não deve ler o prefácio antes da obra, porém não há qualquer aviso no início do mesmo e, dessa forma, podemos considerá-lo um *spoiler*. Em português talvez algo como “estraga-prazeres”, porém somente para alguns leitores. Alguns degustariam a obra até com mais interesse ao ler o prefácio conforme também aponta Vieira. Portanto, a leitura do mesmo é uma questão bastante pessoal, mas como apontado pelos teóricos supracitados, acaba por influenciar o leitor na interpretação da obra, manipulando suas ideias e imagens.

Sob o conceito de *patronagem* de Lefevere, podemos afirmar que a equipe editorial ao publicar o prefácio, direciona o olhar do leitor para situações que poderia não perceber de acordo com sua bagagem cultural. Já a publicação de uma nova tradução poderia ser para corrigir leituras errôneas, desfazer eventuais manipulações que possam ter ocorrido em traduções pretéritas e também, obviamente, gerar uma sobrevida à obra em sua cultura ou atentar para o contexto histórico atual.

3. A obra e as duas traduções escolhidas em contraste

... o livro [...] morre para a cultura originária e inicia sua existência continuada em outra cultura. É nessa zona perigosa de passagem que se situa o tradutor, jogando com a vida e a morte não só de sua identidade mas também do livro, cuja existência continuada passa a reger.

ELSE VIEIRA

Neste momento, procuramos demonstrar, através de exemplos extraídos da tradução de Heitor Ferreira, a maneira como manipulou a informação contida no original de George Orwell. Para tal, utilizaremos extratos de textos nos quais se encontram os termos “rebellion” / “rebelião” e “revolution” / “revolução”, que foram os que nos chamaram a atenção quando da leitura pautada em uma análise contrastiva que fiz entre *Animal Farm: a fairy story* e *A Revolução dos Bichos*.

Se podemos dizer que o tradutor e/ou o patrocinador da tradução de 1964 (Tradução de Heitor Ferreira), por motivos ideológicos, preferiu adaptar o título *Animal Farm* para o contexto brasileiro, não podemos dizer que o mesmo aconteceu durante a narrativa. Um primeiro exemplo está no capítulo II da tradução, onde temos GRANJA DOS BICHOS para ANIMAL FARM, no capítulo de mesmo número, página 22. Nesse momento, Ferreira preferiu fazer uso de uma tradução mais aproximada do significado do original, uma vez que se trata do nome da

⁶ O prefácio é um capítulo extraído do livro *Cambridge Companion to George Orwell*, John Rodden (Org.). Cambridge University Press, 2007.

fazenda dado pelos animais, depois de tomarem o poder da mesma, expulsando os homens, seus proprietários. Sendo assim, o nome *A Revolução dos Bichos* soaria estranho para uma fazenda.

Já na tradução de 2020 (Tradução de Paulo Britto) temos FAZENDA DOS ANIMAIS para ANIMAL FARM, onde vemos que ficou mais próxima do original, considerando que no Brasil entendemos como granja, algo mais específico como uma pequena casa com área verde em uma região um pouco afastada do centro da cidade ou uma propriedade exclusiva para criação de aves, especialmente galinhas.

De acordo com o dicionário *Longman Lexicon of Contemporary English*, “rebelião” seria o ato de rebelar(-se) contra um governo ou contra aqueles que estão no poder ou simplesmente o ato ou estado de se rebelar. Para o verbo “rebelar”, o mesmo dicionário estabelece que esse seria o mesmo que agir violentamente contra aqueles que têm o poder, ou contra o uso injusto do poder. Já a palavra “revolução” teria o significado de um tempo de grande mudança social, especialmente, de mudança de um dirigente ou sistema político, através do uso da força. O dicionário *Longman Language Activator*, por sua vez, vai mais além e define “revolução” como um atentado bem sucedido e praticado pelo povo de um país para mudar ou destruir o governo, fazendo uso da violência.

Com relação à língua portuguesa, o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* define “rebelião” como ato ou efeito de rebelar(-se), revolta, rebeldia. O verbo “rebelar” teria o mesmo sentido de tornar rebelde, insurgir, revoltar. Já a palavra “revolução” teria os significados de: ato ou efeito de revolver(-se) ou revolucionar(-se), rebelião armada, revolta, conflagração, sublevação; transformação radical e, por via de regra, violenta, de uma estrutura política, econômica e social; qualquer transformação radical dos conceitos artísticos ou científicos dominantes numa determinada época: revolução literária, revolução tecnológica. Por outro lado, *A Enciclopédia Ilustrada da Folha de São Paulo* define “revolução” como a transformação de um sistema ou regime político através de um processo relativamente rápido e intenso, frequentemente (mas não sempre) acompanhado de violência.

De posse de tais conceitos, podemos afirmar que as definições em língua inglesa e em língua portuguesa se aproximam. Percebe-se também que “revolução” possui um cunho mais político e abrange a “rebelião”. Enquanto uma “rebelião” pode ocorrer sem uma mudança de dirigente ou governo, isso não acontece com a “revolução”, que tem como principal característica a mudança de governo.

No primeiro capítulo da tradução, temos “revolução” para “rebellion”, no original. Esse vocábulo foi extraído do discurso do porco Major (Major) para os outros animais da fazenda, incitando-os a irem contra os homens, dirigentes da fazenda:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
That is my message to you, comrades: Rebellion! I do not know when the Rebellion will come, it might be in a week or in a hundred years, but I know, as surely I see this straw beneath	“Esta é a mensagem que eu vos trago, camaradas: Revolução! Não sei dizer quando sairá esta Revolução , pode ser daqui a uma semana, ou daqui a um século, mas uma coisa eu sei,	Esta é a minha mensagem para vocês, camaradas: Rebelião! Não sei quando virá essa Rebelião , talvez em uma semana, talvez em cem anos, mas sei, com tanta certeza

my feet, that sooner or later justice will be done (1981, p. 10).	tão certo quanto o ter eu palha sob meus pés: mais cedo ou mais tarde, justiça será feita” (1971, p. 7).	quanto sei que estou pisando na palha que vejo sob meus pés, que mais cedo ou mais tarde a justiça será feita (2020, p. 35).
---	--	--

Além de algumas pequenas modificações linguísticas que, a nosso ver, não seriam necessárias, mas que também não chegam a modificar o sentido da sentença, podemos perceber que Ferreira, ao invés de utilizar o termo “rebelião” que, nesse caso, seria o mais adequado, utiliza o termo “revolução” que, por sua vez, possui um significado mais profundo que o de rebelião. Assim, segundo a teoria de Perseu Abramo⁷, podemos considerar tal procedimento como um *padrão da opinião pela informação*, pois transforma a opinião do tradutor como sendo a verdadeira informação. Tal procedimento de manipulação visa agradar ao patrocinador, nesse caso, o governo militar, conforme defendido anteriormente.

Provavelmente, Ferreira decidiu utilizar o termo “revolução” por se tratar de um termo mais forte do que “rebelião”, demonstrando, de maneira mais explícita do que o original, as intenções do porco Major. Desse modo, o tradutor acabou por criar um interpretante que, na mente do leitor, funcionava como uma forma de remeter às revoluções que ocorreram mundo afora e que sempre representaram uma mudança nos rumos tomados pelo governo.

A mesma posição já não foi tomada por Britto que deixa claro em sua entrevista para a UFMG que manteve a escolha de Orwell de não colocar a palavra revolução em sua obra justamente para não ficar atrelada à Revolução Russa, respeitando o original.

No capítulo IV da tradução, temos a palavra “revolta” para “rebelliousness” no original:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
... and throughout that year a wave of rebelliousness ran through the country-side (1981, p. 36).	... e durante todo aquele ano uma onda de revolta percorreu a região (1971, p. 37).	e durante todo aquele ano uma onda de rebeliões espalhou-se pelo campo (2020, p. 60-61).

Nesse trecho, percebemos que ocorreu, novamente, a troca de termos. Uma vez que “rebelliousness” significa “rebeldia”, podemos dizer que Ferreira utilizou os mesmos artifícios do trecho citado anteriormente para causar, também, os mesmos efeitos. Percebemos ainda a utilização do acento circunflexo em “aquê”, ajudando também a reforçar a ideia de que realmente não há como ter uma “tradução definitiva” de obra alguma e que são necessárias revisões de tempos em tempos. Isso sem contar com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que surgiu após a tradução de Ferreira.

Na tradução de Britto já observamos o uso da palavra “rebeliões”, mantendo a coerência com a escolha anterior e procurando ser mais fiel ao original.

⁷ Esta teoria está explicitada em CARVALHO, Christian Hygino. *A Revolução dos Bichos: tradução e manipulação durante a ditadura militar no Brasil*. Juiz de Fora. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF, 2002. (Monografia de conclusão do Bacharelado em Letras-Ênfase em Tradução/Inglês).

Mais à frente, no capítulo V, Ferreira volta a manipular o termo em questão, traduzindo “rebellions” por “revoluções”. Tal procedimento se deve ao fato de que se trata de um momento no qual o porco Bola-de-Neve / Bola de Neve⁸ (Snowball) acreditava que eles deveriam “fomentar revoluções” nas outras fazendas, de forma que não fosse mais necessário procurar meios para se defender, uma vez que todas as outras fazendas estariam sendo “governadas” por animais.

Britto ainda mantém a posição tomada até então utilizando “rebeliões” para “rebellions”:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
... if rebellions happened everywhere... (1981, p. 46).	... fomentando revoluções em tôda parte ... (1971, p. 49).	se eclodissem rebeliões por toda parte, (2020, p. 71).

No capítulo VII da tradução, Ferreira também utiliza o termo “revolução” ao invés de “rebelião”, para “rebellion” ao contrário de Britto:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
... Snowball was Jones's agent from the very beginning - yes, and from long before the Rebellion was ever thought of (1981, p. 71).	... Bola-de-Neve era agente de Jones desde o início... sim, desde o instante mesmo em que imaginamos a Revolução (1971, p. 80-81).	Bola de Neve era agente de Jones desde o começo; mais ainda, desde muito antes de se começar a pensar na Rebelião ” (2020, p. 95).

Aqui, “rebellion” se refere à conspiração dos animais contra os homens, na época, seus proprietários e também da fazenda. Sendo assim, provavelmente, Ferreira acabou usando o termo “revolução” para deixar bem claro que a indignação dos animais já era politizada e visava a uma mudança no “governo” da fazenda onde viviam. Tal procedimento tradutório resultou na formação dos interpretantes que atendiam aos interesses políticos dos militares, que era o de fazer com que o leitor visse sempre a tomada de poder dos porcos como uma “revolução” e não simplesmente como uma “rebelião”, que é o que, realmente, é passado para o leitor quando da leitura do original. Dessa maneira, esse também é um trecho que se caracteriza pelo *padrão da opinião pela informação*⁹, pois transforma a opinião do tradutor como sendo a verdadeira informação, agradando ao governo militar, o patrocinador da tradução.

Novamente, mantendo o padrão, Britto não modifica e utiliza a palavra “Rebelião”.

Logo após, temos, mais uma vez, a utilização de “revolução” para “rebellion”:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
'Beasts of England' was the song of the Rebellion . But the	'Bichos da Inglaterra' era a canção da Revolução . Mas a	“‘Bichos da Inglaterra’ era a canção da Rebelião . Mas a

⁸ Os nomes dos personagens traduzidos serão colocados na ordem das traduções e separados por barras quando forem diferentes em suas respectivas traduções, mesmo que seja somente o uso de hífen ou letra maiúscula. A primeira é escolha de Heitor Ferreira e a segunda, a de Paulo Britto.

⁹ Teoria de Perseu Abramo.

Rebellion is now completed (1981, p. 77).	Revolução agora está concluída (1971, p. 86).	Rebelião está realizada (2020, p. 100).
--	--	--

Nesse momento, como Ferreira tinha a intenção de marcar o incidente da expulsão do Sr. Jones / sr. Jones (Mr. Jones) da fazenda como um movimento estruturado por ideias que visavam modificar a maneira como os animais eram tratados e, conseqüentemente, os rumos da fazenda, provavelmente, ele tratou o termo de forma mais politizada. Tal manipulação propiciou a formação de interpretantes que, seguramente, levariam os leitores a uma leitura mais dirigida e crítica com relação aos movimentos ocorridos na fazenda. Já Britto manteve sua posição tradutória e fidelidade ao original.

No capítulo VIII, Ferreira, ao traduzir tal trecho, em que se lembra do episódio da expulsão do Sr. Jones / sr. Jones, faz, novamente, uso do termo “revolução” para um “rebellion” e Britto, como sempre, mantém o uso de “rebelião”, apesar de ter modificado para letras minúsculas. Tal mudança parece-me mais um descuido do que algo proposital:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
The animals saw no reason to disbelieve him, especially as they could no longer remember very clearly what conditions had been like before the Rebellion (1981, p. 79).	Os bichos não viam razão para desacreditá-lo, especialmente porque já não conseguiam lembrar-se com clareza das exatas condições de antes da Revolução (1971, p. 88).	Os animais não viam motivo para não acreditar nele, principalmente porque já não se lembravam muito bem de como eram as coisas antes da rebelião (2020, p. 103).

Ainda no mesmo capítulo, encontra-se outra demonstração do artifício utilizado por Ferreira ao se referir à expulsão dos homens. Ele utilizou “revolução” para “rebellion” mais uma vez enquanto Britto permanece com “rebelião”:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
The pigeons who were still sent out to spread tidings of the Rebellion were forbidden to set foot anywhere on Foxwood... (1981, p. 83).	Os pombos, que continuavam a espalhar as mensagens da Revolução , foram proibidos de pôr os pés em qualquer ponto de Foxwood... (1971, p. 93).	Os pombos, que ainda eram enviados para espalhar notícias da Rebelião , foram proibidos de pousar em Foxwood, (2020, p. 106).

No capítulo IX, no momento em que Garganta / Guincho (Squealer)¹⁰, o porco porta-voz de Napoleão (Napoleon), relata, de maneira fantasiosa, o momento da morte do cavalo Sansão / Guerreiro (Boxer) para os outros animais, Ferreira ainda utiliza o termo “revolução” para “rebellion” e Britto permanece em sua decisão, optando por “rebelião”:

¹⁰ Seria interessante uma análise contrastiva das traduções dos nomes dos personagens, porém extrapolaríamos o limite do artigo.

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
Forward in the name of the Rebellion (1981, p. 105).	Avante em nome da Revolução! (1971, p. 118).	‘Avante, em nome da Rebelião (2020, p. 127).

Aqui, como trata-se de um momento no qual Sansão / Guerreiro (Boxer) refere-se à revolução por eles iniciada, Ferreira procedeu como em todos os momentos em que se referem à mesma.

Nos seguintes exemplos, o mesmo procedimento adotado até então por cada um dos tradutores ainda é observado:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
A time came when there was no one who remembered the old days before the Rebellion ... (1981, p. 108).	Tempo chegou em que ninguém mais se lembrava de antes da Revolução ... (1971, p. 121).	Chegou um tempo em que não restava mais ninguém que se lembrasse de como eram as coisas antes da Rebelião , (2020, p. 130).

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
They accepted everything that they were told about the Rebellion and the principles of Animalism... (1981, p. 109).	Aceitavam tudo quanto lhes era dito a respeito da Revolução e dos princípios do Animalismo... (1971, p. 122).	Aceitavam tudo o que lhes era dito a respeito da Rebelião e dos princípios do Animalismo, (2020, p. 131).

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
Many animals had been born to whom the Rebellion was only a dim tradition, passed on by word of mouth... (198, p. 108).	Haviam nascido muitos animais, para os quais a Revolução não passava de obscura tradição transmitida verbalmente... (1971, p. 122).	Para muitos dos mais jovens, a Rebelião não passava de uma vaga tradição transmitida oralmente, (2020, p. 131).

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
Sometimes the older ones among them raked their dim memories and tried to determine whether in the early days of the Rebellion , when Jones's expulsion was still recent, things had been better or worse than now (1981, p. 110).	De vez em quando, os mais idosos rebuscavam a apagada memória e tentavam determinar se nos primeiros dias da Revolução , logo após a expulsão de Jones, as coisas haviam sido melhores ou piores do que agora (1971, p. 124).	Por vezes os mais velhos entre eles vasculhavam suas memórias já fracas na tentativa de estabelecer se, nos primeiros anos da Rebelião , pouco depois da expulsão de Jones, as coisas eram melhores ou piores do que agora (2020, p. 132).

Em todos os momentos supracitados, percebe-se a substituição do termo “rebellion” por “revolução”, em um processo de manipulação que modificou a ideia transmitida pelo original na tradução de Ferreira. O mesmo não ocorre na de Britto.

Nos trechos que, agora, passaremos a citar, podemos perceber que Ferreira não se comportou da mesma maneira como nos outros momentos, preferindo utilizar o termo “rebelião” para “rebellion”, no original, demonstrando que, em tais momentos, de acordo com os objetivos definidos pelo patrocinador, isso se fazia necessário. E aí observamos que as decisões tradutórias quanto à palavra “rebellion” tanto por Ferreira quanto por Britto serão as mesmas, apesar de percebermos que Ferreira seguia uma abordagem manipuladora e tendenciosa, ao passo que Britto prezou por manter a fidelidade ao original.

Um dos primeiros exemplos pode ser visto no capítulo V, onde Ferreira, percebendo que se tratava de um trecho que somente visava apresentar as desavenças entre os dois porcos mais inteligentes da fazenda, Bola-de-Neve / Bola de Neve (Snowball) e Napoleão (Napoleon), provavelmente, achou que não havia necessidade em modificar o sentido do original. Além disso, a “rebelião” mencionada por Bola-de-Neve / Bola de Neve (Snowball) seria somente entre os animais das outras fazendas e, sendo provocada por mensagens enviadas através de pombos, não poderia resultar em uma ação politizada que caracterizaria uma revolução. Dessa maneira, Ferreira traduziu “rebellion” por “rebelião”:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
... and stir up rebellion among the animals... (1981, p. 46).	... e provocar a rebelião entre os bichos... (1971, p. 49).	espalhar a rebelião entre os animais (2020, p. 71).

No capítulo VII, temos, novamente, “rebelião” para “rebellion” no original:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
For the first time since the expulsion of Jones there was something resembling a rebellion (1981, p. 66).	Pela primeira vez, desde a expulsão de Jones, aconteceu algo parecido com uma rebelião (1971, p. 74).	Pela primeira vez desde a expulsão de Jones, houve uma espécie de rebelião (2020, p. 90).

Nesse momento, Ferreira não modificou o sentido original, preferindo utilizar o vocábulo que, realmente, expressa o que foi colocado no original. O trecho foi retirado do texto no momento em que as galinhas da fazenda ficam indignadas com a “necessidade” de se vender seus ovos a um humano, dono de uma fazenda vizinha e que comercializava produtos com Napoleão (Napoleon), o porco que passou a ditar ordens na fazenda. Desse modo, Ferreira percebeu que não faria sentido colocar essa indignação como uma revolução, como havia feito anteriormente, uma vez que, agora, não havia nada que demonstrasse uma ação premeditada por parte das galinhas, não resultando, assim, em uma revolução propriamente dita. Nesse trecho, percebemos um grau menor de manipulação de ideias em relação aos trechos analisados anteriormente, pois tal procedimento, na referida passagem, favorecia aos ideais dos

patrocinadores da tradução, os militares. Essa manipulação vem confirmar a ideia de que Ferreira estava ciente da nuance de significado entre as palavras “revolução” e “rebelião”, tanto na língua-fonte quanto na língua-meta. Em sentido oposto de motivo de escolha tradutória, apesar de a palavra ser a mesma, Britto ainda permanece com “rebelião”.

Ainda no capítulo VII:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
We had thought that Snowball's rebellion was caused by this vanity... (1981, p. 69).	Nós pensávamos que a rebelião de Bola-de-Neve fôra causada por sua vaidade... (1971, p. 77).	Nós pensávamos que a rebelião de Bola de Neve era causada apenas por sua vaidade e sua ambição (2020, p. 93).

Nesse trecho, Ferreira, vendo que se tratava de um momento no qual se fazia menção à briga de Bola-de-Neve / Bola de Neve (Snowball) com Napoleão (Napoleon), ele, provavelmente, não achou que caberia “revolução”, já que se tratava de uma briga, fruto de desavenças ideológicas, mas que não implicaram em uma mudança na forma de “governo” da fazenda e nem, ao menos, foi uma ação previamente planejada.

No capítulo VII, o mesmo procedimento é utilizado:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
... when old Major first stirred them to rebellion (1981, p. 75).	... em que o velho Major, pela primeira vez, os instigara à rebelião (1971, p. 84).	em que o velho Major pela primeira vez despertou neles o desejo de se rebelar (2020, p. 99).

Esse trecho trata do momento em que a égua Quitéria / Chica (Clover) relembra os tempos passados, antes da morte do velho Major (Major), e se amargura com os últimos acontecimentos na fazenda. A utilização do termo mais próximo ao do original se deve ao fato de que, sendo um momento que caracteriza a fala interior de uma personagem de considerável limitação intelectual, não teria necessidade em criar interpretantes como aqueles em outros trechos. Provavelmente, Ferreira não se preocupou em modificar tal termo, como em outros momentos, como uma forma de marcar a limitação de tal personagem, que não via diferença entre uma “revolução” e uma “rebelião”. Britto ainda mantém sua escolha e procedimento.

Ainda no capítulo VII, percebemos que Ferreira manteve o mesmo termo utilizado no original:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
There was no thought of rebellion or disobedience in her mind (1981, p. 76).	Não tinha em mente idéias de rebelião ou desobediência (1971, p. 85).	Não lhe passavam pela cabeça ideias de rebelião ou de desobediência (2020, p. 99).

Aqui, tratando-se de um trecho no qual o narrador adentra os pensamentos da égua Quitéria / Chica (Clover) que, por sua vez, não possuía capacidade cognitiva para projetar uma “revolução”, o tradutor acabou não modificando o sentido original, mantendo, dessa maneira, os interpretantes já contidos na mensagem original e não criando outros para modificar o sentido original, como feito em momentos anteriores. Britto permanece na mesma escolha.

Vale notar que no final da obra original é que percebemos o uso de uma palavra derivada de “revolução”, que Ferreira, por sua vez, manteve em sua tradução:

ORWELL (1945)	FERREIRA (1964)	BRITTO (2020)
For a long time there had been rumors - circulated, he had reason to think, by some malignant enemy - that there was something subversive and even revolutionary in the outlook of himself and his colleagues. They had been credited with attempting to stir up rebellion among the animals on neighbouring farms (1981, p. 118).	Por longo tempo houvera rumores - inventados, acreditava, e tinha razões para isso, por algum inimigo mal-intencionado - de que havia algo de subversivo e mesmo de revolucionário nos pontos de vista seus e de seus companheiros. Tinham passado por desejosos de fomentar a rebelião entre os animais das granjas vizinhas (1971, p. 133).	Por muito tempo, circularam boatos — os quais, ele tinha motivos para supor, haviam sido obra de algum inimigo maligno —, boatos de que existia algo de subversivo e até mesmo revolucionário na visão dele e de seus colegas. Atribuíam-lhes tentativas de provocar rebeliões entre os bichos das fazendas vizinhas (2020, p. 140).

Nesse trecho, percebemos que Ferreira não fez o uso da manipulação a que venho dando ênfase e que visava criar os interpretantes que levariam a uma interpretação que, provavelmente, se aproximaria daquela que os militares almejavam. As palavras inglesas “revolutionary” e “rebellion” foram traduzidas pelas suas correspondentes mais próximas em português: “revolucionário” e “rebelião”, respectivamente. Presumo que, nesse momento, Ferreira não substitui a palavra “rebellion” por “revolução”, como nos outros momentos, devido ao fato de a palavra “rebellion” vir, agora, impressa com a inicial minúscula. Em todos os outros trechos nos quais Ferreira lançou mão de tal substituição, com exceção daquele da página 49 da tradução, “rebellion” vem impressa com a inicial em maiúscula. Além disso, o fato de “rebellion” estar relacionada às movimentações entre os animais das granjas vizinhas, demonstra que poderia haver insatisfações por parte de tais animais que não poderiam ser consideradas atos revolucionários, uma vez que tais atos necessitavam de uma preparação psicológica, o que poderia levar um bom tempo, conforme ocorrido na Granja dos Bichos / Fazenda dos Animais (Animal Farm). O fato de Ferreira fazer uma distinção entre o significado de “rebellion” (inicial minúscula) e “Rebellion” (inicial maiúscula) não justifica, a nosso ver, suas escolhas. As posturas tradutórias de Ferreira comprovam o propósito dos militares e dos demais interessados em desestabilizar o governo de João Goulart e sustentar o golpe ocorrido em março de 1964.

A tradução de Britto para o mesmo trecho conta com a palavra “subversivo” para “revolutionary” e “rebelião” para “rebellion”. Nesse momento realmente não entendi o motivo da escolha da palavra “subversivo” uma vez que essa realmente remete bastante à época da

ditadura militar brasileira e acaba por ignorar a existência da palavra “revolucionário” em português e que se Orwell quisesse utilizar “subversivo” teria escolhido “subversive”. A meu ver esse é o único momento que Britto destoa de toda as suas escolhas e visão adotada durante a tradução quanto ao delicado termo “rebelião”, “revolução” e outros afins.

Conclusão

As traduções são feitas para um fim ideológico específico e todas elas carregam em si pensamentos e ideias do momento no qual foram realizadas e que poderiam ou não estar presentes no original. Toda tradução é feita através de um prisma ideológico e têm como objetivo principal um impacto favorável às ideias do patrocinador sobre o público-leitor, que, muitas vezes, não tem acesso à língua original e acaba por tomar tal tradução como “definitiva”, “verdadeira”, “fiel” entre outros adjetivos os quais, podem ou não serem cabíveis.

Ao analisarmos a tradução de 1964, a do recém-falecido Major Heitor Aquino Ferreira, na época capitão do Exército e envolvido diretamente com a campanha ideológica dos militares, que temiam uma “invasão” esquerdista, reforçou ainda mais a ideia da manipulação de textos estrangeiros para fins anticomunistas. O mesmo já não aconteceu na tradução de Britto que não sofreu a mesma *patronagem*, nos termos de Lefevere. Algum tipo de *patronagem*, é altamente provável que tenha ocorrido, mas não no mesmo princípio ideológico que Ferreira. Prova disto é ele ter sido o mais fiel possível ao original na escolha da tradução de “rebellion” durante toda obra, inclusive na escolha das palavras para o título, evitando assim o uso da palavra “revolução” assim como Orwell o fez.

A análise do momento histórico, o resgate de informações a respeito de procedimentos tomados por instituições como o Ipês¹¹, patrocinadora da tradução de Ferreira, que se empenharam na campanha ideológica que visava a tomada de poder pelos militares, e a análise contrastiva entre original e tradução trazem à luz procedimentos de manipulação ou de fidelidade ajustados aos contextos em que as traduções ocorreram. Esse estudo, ao mesmo tempo em que resgata o passado histórico e tradutório, dá nova vida a uma obra sobre a qual volta-se a falar, fornecendo a ela, uma “sobrevida continuada”, de acordo com tradução oferecida por Else Vieira a termo presente em *A Tarefa do Tradutor*, de Walter Benjamin.

Este artigo funciona como uma ponte entre história e tradução, passado e presente, ressaltando a importância do tradutor não só como um profissional que resgata culturas e histórias, quase um historiador, investigador e sociólogo, mas também como um indivíduo que tem o trabalho de transportar de uma margem a outra, especificidades linguísticas de uma cultura a outra, ficando, nesse meio-tempo, naquele entrelugar a que João Guimarães Rosa se refere em *A Terceira Margem*¹².

¹¹ Maiores detalhes sobre o Ipês podem ser obtidos em CARVALHO, Christian Hygino. *A Revolução dos Bichos: tradução e manipulação durante a ditadura militar no Brasil*. Juiz de Fora. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF, 2002. (Monografia de conclusão do Bacharelado em Letras-Ênfase em Tradução/Inglês).

¹² Citado por VIEIRA, 1996, p.65.

Referências

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa* / Perseu Abramo; com colaborações de Laura Caprigliole...[et al.]. – 2. Ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/padroes-de-manipulacao-da-grande-imprensa/> Acesso em: 10 jun. 2024.
- BENJAMIM, Walter. The task of the translator: an introduction to the translation of Baudelaire's "Tableaux Parisiens". In: ARENDT, Hanna (Ed.) *Illuminations*. Trad.: Harry Zohn. London: Jonathan Cape, 1970. p. 69-82.
- CARVALHO, Christian Hygino. *A Revolução dos Bichos: tradução e manipulação durante a ditadura militar no Brasil*. Juiz de Fora. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF, 2002. (Monografia de conclusão do Bacharelado em Letras-Ênfase em Tradução/Inglês).
- DERRIDA, Jacques. Des tours de Babel. In: GRAHAM, Joseph (ed.) *Difference in translation*. Trad. Joseph Graham. London: Cornell University Press, 1985b. p. 149-164.
- ENCICLOPÉDIA Ilustrada Folha de São Paulo: Encarte das edições de domingo. v.2, p. 834-5, mar. /dez. 1996.
- ESTADÃO. *Morre Heitor Aquino Ferreira, guardião das memórias do regime militar*. São Paulo, 25 ago. 2022, site do jornal Estadão. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/08/25/morre-heitor-aquino-ferreira-guardiao-das-memorias-do-regime-militar.htm>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polysystem theory*. POETICS TODAY, Tel Aviv, v. 1. n. 1/2. 287-310, 1979.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HERMANS, Theo. Introduction: Translation studies and a new paradigm. In: ---(ed.). *The manipulation of literature: studies in literary translation*. London: Groom Helm, 1985. p. 7-15.
- LEFEVERE, André. Prewrite. In: ---. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. London, New York: Routledge, 1992a. p. 1-10.
- LEFEVERE, André. The system: patronage. In: ---. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. London, New York: Routledge, 1992b.
- LEFEVERE, André. *Translating literature: practice and theory in a comparative literature context*. New York: The Modern Language Association of America, 1992c.
- LONGMAN *Language Activator*. Harlow: Longman, 1999.

- McARTHUR, Tom. *Longman lexicon of contemporary English*. Harlow: Longman, 1985.
- ORWELL, George. *A revolução dos bichos*. Trad. Heitor Ferreira. Porto Alegre: Globo, 1971.
- ORWELL, George. *Animal farm: a fairy story*. Harmondsworth: Penguin Books, 1981.
- ORWELL, George. *A Fazenda dos Animais: um conto de fadas*. Trad. Paulo Henriques Britto. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2020.
- RASCUNHO. *Globo coloca em pré-venda nova tradução de “A revolução dos bichos”*. Curitiba, 12 dez. 2020, site Rascunho, o jornal de literatura do Brasil. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/globo-coloca-em-pre-venda-nova-traducao-de-a-revolucao-dos-bichos/> Acesso em: 10 jun. 2024.
- ROSA, João Guimarães. A terceira margem. In: ---: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 32-37.
- SILVA. Liliam Mara Rodrigues. *Estudo de graus de politização na tradução: Animal Farm em vários contextos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Clássico de George Orwell é rebatizado como “A Fazenda dos Animais” em nova tradução*. Belo Horizonte, 10 dez. 2020, site da UFMG, Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/classico-de-george-orwell-e-rebatizado-como-a-fazenda-dos-animais-em-republicacao>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- VIEIRA, Else Ribeiro Pires. Decentred signs: English literature and Brazilian popular music. In. VIEIRA, Else Ribeiro Pires & BENN-IBLER, Verônica (Orgs.). *Culturas e signos em deslocamento*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade de Letras da UFMG, 1995.
- VIEIRA, Else Ribeiro Pires. *Fragments de uma história de travessias: tradução e (re)criação na pós modernidade brasileira e hispano-americana*. REVISTA DE ESTUDOS DE LITERATURA. Belo Horizonte: UFMG, v.4, p. 61-80, out. 96.
- VIEIRA, Else Ribeiro Pires. *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. Belo Horizonte: 1992. 265p. Dissertação (Doutorado em Letras/Literatura Comparada)- UFMG.

Data de submissão: 10/06/2024

Data de aceite: 06/03/2025